

As paixões do ânimo e a busca pelo equilíbrio físico e psíquico

The passions of the soul and the search for physical and psychological balance

Carolina da Palma Fernandes

 <https://orcid.org/0009-0001-1045-8272>

Universidade Federal do Amazonas
Brasil

Lutiero Cardoso Esswein

 <https://orcid.org/0009-0008-0045-7664>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Brasil

Resumo

As paixões da alma em excesso poderiam causar grandes danos à saúde física e psíquica, levando filósofos e médicos a escreverem sobre o tema. Alguns pediam sua erradicação total, enquanto outros buscavam distinguir entre paixões boas e más. Dito isso, o presente trabalho tem como objetivo discutir essas paixões como um método de equilíbrio na saúde, envolvendo corpo e mente, com base nos tratados portugueses setecentistas *Âncora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde* (1731), de Francisco da Fonseca Henriques, *Observações Médicas Doutrinárias de Cem Casos Gravíssimos* (1707), e *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte* (1720), de João Curvo Semedo. O artigo busca, portanto, demonstrar como esses médicos compreendiam os desequilíbrios envolvendo a mente e quais métodos ofereciam para recuperar essa saúde, cuja análise parte tanto das fontes primárias supracitadas quanto dos textos dos autores utilizados por esses médicos, para, assim, explanar melhor o pensamento médico e filosófico a respeito das paixões da alma, em especial no cenário lusitano, o que traz à luz estudos relativos ao comportamento humano, em um período cujas áreas de psicologia, psiquiatria e psicanálise não existiam.

Palavras-chaves: paixões da alma; tratados portugueses; saúde física e psíquica.

Abstract

The passions of the soul in excess could cause great damage to physical and psychological health, leading philosophers and doctors to write about the subject. Some called for their total eradication, while others sought to distinguish between good and bad passions. That said, this paper aims to discuss these passions as a method of balance in health, involving both body and mind, based on the 18th-century Portuguese treatises *Âncora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde* (1731), by Francisco da Fonseca Henriques, *Observações Médicas Doutrinárias de Cem Casos Gravíssimos* (1707), and *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte* (1720), by João Curvo Semedo. The article seeks, therefore, to demonstrate how these doctors understood the imbalances involving the mind and what methods they offered to restore health, whose analysis draws from both the aforementioned primary sources and the texts of the authors used by these doctors, thus providing a clearer explanation of the medical and philosophical thought regarding the passions of the soul, especially in the Lusitanian context, shedding light on studies related to human behavior in a period when

the fields of psychology, psychiatry, and psychoanalysis did not yet exist.

Keywords: passions of the soul; Portuguese treatises; physical and psychic health.

Os cuidados com a mente e o corpo não são uma preocupação exclusiva da contemporaneidade; na verdade, essa preocupação remonta a períodos anteriores, sendo discutida em obras médicas e debates filosóficos. No que diz respeito às obras de cunho médico, é possível perceber que esses profissionais buscavam não apenas tratar enfermidades físicas, mas também aquelas que afetavam a alma, sempre tentando equilibrar a saúde da mente e do corpo. Para isso, cada médico procurava administrar remédios com o objetivo de erradicar essas enfermidades. Nesse contexto, as paixões da alma se destacavam como um tema recorrente entre os médicos do período moderno, que discutiam os aborrecimentos físicos e psíquicos, cujas consequências poderiam ser desastrosas caso os enfermos não buscassem o tratamento adequado. A solução residia no equilíbrio dessas paixões, que, em exagero, podiam ceifar vidas.

As paixões da alma são noticiadas pelos filósofos desde a Antiguidade até o início da Idade Moderna, os quais sublinhavam seu caráter violento e perturbador (Silva, 2009, p. 210). Essas paixões dizem respeito aos sentimentos como amor, ódio, rancor, medo, ira, tristeza, etc. Por exercerem um caráter nocivos nos indivíduos, alguns autores escrevem a respeito dessas paixões em um tom de alerta e preocupação. Sêneca (4 a. C-65) escreve a na sua obra *De Ira* que essas paixões tinham o poder de deixar a mente humana exaltada, provocando a “selvageria da cólera”, influenciando em “massacres, devastações de cidades inteiras, parricídios, entre outros crimes” (Da Silva, 2009, p. 211). Em outro momento, Sêneca destaca as consequências que podem ter um amor desmedido. Na peça *Fedra*, o filósofo discorre sobre a dor do amor de Fedra pela ausência do esposo e pela paixão desenvolvida pelo jovem Hipólito. Zelia de Almeida Cardoso destaca que Sêneca analisa o amor da madrasta com o enteado, “sentimento que provoca a morte de ambos”, afim de demonstrar as problemáticas “do amor desenfreado” (Cardoso, 1999, p. 133).

Para além das obras filosóficas, as paixões da alma também receberam a atenção dos médicos, cujas discussões centraram-se não só nos efeitos que elas causavam no corpo e na mente, mas também nos melhores tratamentos que poderiam aliviar as dores físicas e mentais. Desta forma, para este trabalho, serão utilizados os tratados médicos *Âncora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde* (1731), *Observações Médicas Doutrinárias de Cem Casos Gravíssimos* (1707) e *Atalaya da Vida Contra as Hostilidades da Morte* (1720), respectivamente dos portugueses Francisco da Fonseca Henriques e João Curvo Semedo, com o objetivo de localizar, em meio aos seus escritos, como esses profissionais relatavam essas paixões em Portugal e quais métodos utilizavam para o equilíbrio psíquico e físico dos enfermos. Além disso, identificar essas paixões em um recorte temporal é uma forma de compreender como esses profissionais buscavam entender as patologias

que afligiam a mente, sem os dispositivos que a medicina contemporânea utiliza, tais como a psicologia, psicanálise e a psiquiatria.

Os médicos e suas obras

No período moderno, a educação médica em Coimbra ocorria exclusivamente por meio da leitura dos clássicos de Galeno, Hipócrates e Avicena, com o ensino fortemente baseado nos princípios aristotélicos e na tradição escolástica, cuja fundamentação se encontrava nos escritos de Tomás de Aquino. Nesse contexto, “esses autores e os comentários de suas obras eram obrigatórios nos cursos, submetidos a uma concepção sacral e teológica do saber”(Abreu, 2007, p. 150). De acordo com José Pedro Sousa Dias, até 1772, os estudantes de medicina eram treinados a rejeitar quaisquer teorias que não estivessem em conformidade com os textos aristotélicos (Dias, 2007, p. 18).

No final do século XVII e início do XVIII, a farmácia galênica começou a ser criticada por suas formas de cura, consideradas ineficazes por médicos iatroquímicos, defensores do experimentalismo. Nesse contexto, o cenário médico no país mencionado assumiu particularidades, especialmente no modo gradual de inserção da química. Isso pode ser observado nos tratamentos, que combinavam tanto a química quanto a medicina galênica, sem deixar de recorrer a outros meios de cura, como os de origem popular.

É nesse cenário que o médico João Curvo Semedo e Francisco da Fonseca Henriques estão inseridos. Com relação ao primeiro, é relevante destacar que o autor nasceu em Monforte em 1 de dezembro de 1635, tendo falecido, em Lisboa, em 26 de novembro de 1719. Seus estudos iniciais foram realizados em Lisboa, no Colégio de Santo Antão, e na Universidade de Coimbra, graduou-se em Medicina (Barroso, 2004). Articulando tradições médicas distintas, lançando mão de autores clássicos, mas não deixando de citar novos, Curvo Semedo chama atenção por utilizar-se tanto da medicina hipocrática-galênica, quanto da iatroquímica em seus trabalhos (Edler, 2006; Freitas, 2021), como formas complementares de compreensão do corpo humano, sua saúde e processos de curas (Almeida, 2012; Lourenço, 2016). Não obstante, Semedo possui uma vasta obra de tratados médicos, onde é possível observar as suas experiências médicas em relação ao trato com seus pacientes, o manuseamento dos medicamentos, assim como o uso significativo de plantas brasileiras (Silva Filho, 2021), fazendo com que suas obras fossem referências para outros médicos (Wissenbach, 2002 p. 128).

O seu tratado *Atalaya da Vida contra as Hostilidades da Morte*, publicado em 1720, no ano seguinte à morte do autor, segue uma estrutura enciclopédica, sendo escrito em ordem alfabética. Nele, pode-se encontrar diversos tipos de processos de cura, com composições diferentes, alternando entre purgativos, banhos, chás de ervas e dicas de boa alimentação, uma vez que era do interesse médico promover a divulgação da conservação da saúde através da alimentação e da purificação dos

ambientes. Nessa obra, Curvo Semedo escreve de forma bem direta as prescrições dos remédios, atentando-se a explicar apenas suas virtudes e as dosagens corretas, sempre seguidas de advertências quanto aos usos exagerados de qualquer medicamento.

O seu segundo tratado, *Observações Médicas Doutrinais de Cem Casos Gravíssimos* (1707), reúne várias ocorrências médicas, fruto da experiência de Semedo em seus atendimentos. O tratado é dividido em cem casos, cada um abordando uma temática que corresponde à situação do paciente, em que o autor buscava, de modo bem detalhado, expor algumas curas que realizou, particularizando seus métodos e sempre enfatizando as intervenções feitas nos doentes que já tinham perdido as esperanças de restabelecer a saúde com outros profissionais.

No tratado mencionado, o médico alterna entre o uso de remédios compostos por substâncias químicas e galênicas. Além disso, Semedo evidenciava seu sucesso em curas bem-sucedidas e não hesitava em criticar os médicos que se limitavam ao método galênico, desprezando o químico, bem como aqueles que evitavam manipular medicamentos. Semedo destacava que “os doutos e os que não temem tomar em mãos alvas os carvões negros, bem me entendem; e os que não sabem coisa alguma da Arte Química, nem por isso devem desprezar os remédios que não conhecem, maiormente depois de lhes constar que fazem efeitos maravilhosos” (Semedo, 1707, p. 109). Vale ressaltar que essa obra se torna contundente porque é possível observar o dinamismo com que os médicos portugueses realizavam seus trabalhos, permitindo-nos observar o universo das práticas de cura, que não estavam alheias às crenças/superstições enraizadas no universo cultural português.

Autor dos tratados *Medicina Lusitana, e socorro délfico a os clamores da natureza humana, para total profligação de seus males* (1710), e *Apiarium Medico-Chymicum, Chyrurgicum e Pharmaceuticum* (1711), Francisco da Fonseca Henriques é doutor pela Universidade de Coimbra e atuou como médico de Dom João V. Henriques nasceu em 1665, na região de Trás-os-Montes, na cidade de Mirandela, cujo nome resultou no seu apelido, doutor Mirandela (Palmesi, 2014, p. 36). Ao lado de Curvo Semedo, Henriques foi um grande divulgador da química em Portugal, e suas contribuições no campo médico estão relacionadas com suas práticas clínicas devido a sua eficácia na preparação de medicamentos, em razão do seu conhecimento na Arte da Alquimia (Dias, 2007, p. 55).

O *Ancora Medicinal para conservar a vida com saúde* (1731) é, como escreveu Henriques, um tratado para conservar a saúde e não para curar enfermidades, sendo considerado o primeiro tratado de nutrição em língua portuguesa (Silva, 2008, p.127), trazendo a alimentação como assunto principal, a qual ocupa “3/4 da obra” (Palmesi, 2014, p. 16). Henriques declarava no prólogo que “esta agora, ainda que obra pequena no volume, cuidamos nós, para que excede as outras no assunto, e na matéria; porque aquelas foram escritas para os doentes, esta

escrevemo-las para os sãos” (Henriques, 1731).

Publicado pela primeira vez em 1721, e reeditado em 1731, 1754 e 1769, o livro é dividido em cinco seções. Na primeira, Henriques discorre a respeito do ar e do ambiente e da relação do corpo humano com os mesmos. Na segunda, ele se dedicou a falar dos alimentos, ensinando a melhor forma de consumi-los e de cozinhá-los para obter os nutrientes. A terceira tem como tema principal os alimentos em particular; ele escreveu a respeito do trigo e dos alimentos que poderiam ser produzidos a partir dele, mas também sobre os animais, como peixes e bovinos. A quarta parte é dedicada às bebidas, como vinhos, chás, licores, água, café, cervejas, etc. Já na quinta e última seção, o autor discorre sobre o condicionamento do corpo humano, escrevendo sobre o sono, a vigília, o movimento, o descanso, a necessidade de excreção e evacuação, e, por último, teceu algumas palavras sobre as paixões da alma.

Esse tratado faz parte de um gênero da literatura médica denominado *Regimes de Vida*, pertencente à tradição hipocrático-galênica, bastante difundido em outros lugares da Europa, como na Inglaterra e na França, no século do Iluminismo, e principalmente na Itália do início da Idade Moderna. O objetivo geral das obras pertencentes a este gênero está vinculado à disseminação do bom viver, articulando cuidados com o corpo e com a alma, pois os dois estão interligados (Silva, 2008, p. 35). De acordo com Silva (2008), é característico desses regimes o uso de uma linguagem mais vulgar, pois são obras destinadas diretamente ao público e, por isso, precisavam seguir uma praticidade, além de “fornecer conselhos de fato experimentados e exemplos ilustrativos” (p. 35). Por exemplo, Henriques destaca no prólogo do *Âncora Medicinal* que a boa alimentação é do interesse de todos e, por isso, pode-se encontrar na sua obra um tratado de alimentos com “distinção, clareza e brevidade” para aqueles que não são médicos (Henriques, 1731), ou seja, o público geral.

As paixões conforme as filosofias de Aristóteles e Tomás de Aquino

A concepção dos médicos portugueses discutidos no presente artigo, no contexto dos séculos XVII e XVIII, de que as paixões não podem ser erradicadas, mas devem ser moderadas pela razão, se assenta em uma perspectiva aristotélica-tomista; tendo em vista isso, propõe-se, na presente seção, uma breve exposição do entendimento de Aristóteles e de Tomás de Aquino sobre o tema. Segundo Carvalho (2012), para Aristóteles, as paixões, assim como os apetites e os desejos, são “elementos fundamentais na constituição das ações humanas” (p. 211). Sendo assim, considerá-las “como algo irracional, que deve ser eliminado e extirpado” é “extrair a nossa própria humanidade” (p. 214). Por conseguinte, o bem agir eticamente depende de que “levemos em consideração a presença das paixões” (p. 211). Contudo, é fundamental apreciarmos o modo com que lidamos com as paixões.

Conforme o filósofo estagirita, a finalidade da vida é alcançar a felicidade [*eudaimonia*], e a felicidade “efetiva-se [...] a partir de uma ação virtuosa” (Barbosa, 2018, p. 61). A virtude [*aretē*] é “um estado que envolve a escolha racional” (Aristóteles, 2000), sendo essa última relativa ao meio-termo ou mediania [*mesotēs*]. Isso porque alguns extremos “ficam aquém do que é correto em relação às paixões e ações, e outros o excedem, enquanto a virtude tanto atinge quanto escolhe o meio” (p. 31, tradução nossa).

Sendo assim, Aristóteles (2000) sustenta que as paixões, embora não possam ser eliminadas, devem ser reguladas de acordo com a razão, de modo a que se encontre um equilíbrio virtuoso entre o excesso e a falta. A virtude concernente às paixões encontra-se, portanto, nessa mediania entre os extremos viciosos. Um exemplo utilizado pelo autor é o da coragem, sendo essa o meio-termo entre os dois extremos do medo e da confiança (p. 32). No extremo da deficiência, está a “pessoa que evita e teme tudo, nunca mantendo sua posição”, tornando-se ela um covarde; no extremo do excesso, está a pessoa que “nada teme e enfrenta todos os perigos”, tornando-se essa última um imprudente (p. 25, tradução nossa).

Importa destacar que para Aristóteles (2000) nem todas as paixões possuem uma mediania, como a inveja e o despudor. Trata-se de paixões que são em si mesmas más, e não os seus extremos. No que concerne a esse conjunto de paixões, “nunca se pode acertar o alvo, mas sempre errar” (p. 31, tradução nossa).

O pensamento de Tomás de Aquino é profundamente influenciado pelos escritos de Aristóteles, de modo que o entendimento do primeiro sobre as paixões é bastante próximo ao do filósofo estagirita.

O conceito de ‘paixão’, para Aquino, “corresponde ao princípio das ações” (Santin, 2012, p. 35), sendo comum aos animais e seres humanos: “deve-se dizer que as paixões consideradas em si mesmas são comuns aos homens e aos animais” (Aquino, 2003, p. 320). Desse modo, as paixões são “cruciais para o homem enquanto um ser total, isto é, constituído de corpo e alma” (Santin, 2012, p. 40), não podendo ser eliminadas. Conforme Finnis (1998, tradução nossa): “Qualquer ideal de uma ação racional desprovida de paixões ou emoções é constantemente repudiado por Aquino”.

As paixões são movimentos que transcorrem na potência da alma designada por Aquino (2005) como “apetite sensível”, relacionada aos sentidos e estímulos corporais. O próprio apetite sensível se subdivide em duas espécies, em relação às quais as paixões são determinadas, a saber: a irascível e a concupiscível (p. 470). Na primeira, a alma “é absolutamente inclinada a buscar o que lhe convém na ordem dos sentidos, e a fugir do que pode prejudicar” (p. 470), como o amor e o ódio; a segunda relaciona-se à resistência “aos atacantes que combatem o que lhes convém e causam dano” (p. 470), sendo, portanto, a potência responsável pela superação e prevalência “sobre as adversidades” (p. 471), como a coragem e o medo.

Embora as paixões, assim como o apetite sensível, sejam potências compartilhadas tanto pelos humanos como pelos animais, Aquino (2003) aponta que existe uma diferença específica quando se trata de seres humanos, a saber, que nos últimos elas podem ser “governadas pela razão” (p. 320). A “perfeição do bem humano” (p. 323) requer que as paixões “sejam moderadas pela razão” (p. 324). Assim sendo, as paixões da alma não são intrinsecamente boas ou más em si mesmas (p. 323); quando não moderadas pela razão, elas consistem em “movimentos desordenados do apetite sensitivo” (p. 323), e, como tal, podem ser prejudiciais.

Ao contrário, sendo a razão a “raiz do bem do homem” (Aquino, 2003, p. 323), o direcionamento das paixões da alma pela razão pode contribuir para que os seres humanos vivam de acordo com sua natureza racional, bem como para o aperfeiçoamento moral dos mesmos (p. 324).

Em conclusão, tanto Aristóteles quanto Tomás de Aquino assumem que as paixões da alma não podem ser erradicadas, pois elas são uma parte essencial da natureza humana. Para o filósofo estagirita, a razão deve moderar as paixões, buscando-se o equilíbrio entre os extremos do excesso e da falta, o que contribui para a realização de uma vida virtuosa e da *eudaimonia*. Tomás de Aquino, cujo pensamento foi fortemente influenciado pelos escritos de Aristóteles, também busca integrar as paixões à essência racional do ser humano, afirmando que a regulação das paixões pela razão pode contribuir para o aperfeiçoamento moral dos seres humanos. Em síntese: para ambos os pensadores, dado que as paixões não podem ser eliminadas, a questão central reside no modo com que lidamos com elas: embora elas possam, de fato, conduzir os seres humanos à autodestruição, quando conduzidas pela razão, podem contribuir para a realização de uma vida virtuosa.

Influenciados em grande medida pelo pensamento de Aristóteles e de Tomás de Aquino, os médicos portugueses João Curvo Semedo e Francisco da Fonseca Henriques sustentavam também que as paixões deveriam ser moderadas pela razão, dando ênfase em como elas afetavam a saúde corporal e o cotidiano dos indivíduos. Na seção que se segue, será discutido como esses médicos interpretavam as paixões da alma e quais métodos eles prescreviam para sua moderação, com o intuito de promover o equilíbrio físico e mental dos indivíduos.

Paixões da alma nos tratados portugueses

O tratado *Âncora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde* (1731), como já mencionado, contém na sua quinta e última sessão algumas considerações a respeito das paixões do ânimo, consideradas pelo autor como uma das perturbações que poderiam acometer homens e mulheres. As paixões da alma, também chamadas de paixões do ânimo, são um tema presente em diversas esferas culturais, desde o Renascimento até os escritos médicos, sendo consideradas pela medicina hipocrático-galênica como parte das seis coisas não naturais. Galeno acreditava que o equilíbrio dos humores do corpo poderia ser afetado “pela dieta, drogas, tempo e

localização geográfica” (Martins, Silva, Mutarelli, 2008, p. 14). Dessa forma, para que o corpo pudesse conservar a saúde e o equilíbrio dos humores, ele alertava para as “seis coisas não naturais”, como o ar, o ambiente, a comida e bebida, o esforço e repouso, o sono e vigília, as excreções e secreções, e as paixões da alma (Silva, p. 33).

De acordo Paulo José Carvalho da Silva (2006), há duas considerações gerais que podem ser feitas a respeito das paixões da alma. A primeira menciona que de forma prudente, essas paixões podem conservar a vida e a saúde do indivíduo, tal como a alegria moderada, dita pelo médico Alessandro Petronio (?-1586) no seu *De victum romanorum* (1581); nesta obra, ele afirmou que no decorrer da história, a alegria tem-se mostrado aliada na manutenção da vida saudável, visto que ela nutre o corpo, proporciona vigor aos sentidos e conserva o intelecto, contribuindo com o aumento da saúde (Silva, 2006, p. 70). A outra posição está relacionada ao mal que essas paixões poderiam causar, tendo como conselho a sua erradicação total. A respeito desse discurso, influenciado pelo estoicismo e o neoplatonismo, cujas ideias estavam pautadas na eliminação dessas paixões, prevalecendo a razão para a boa saúde, o médico e filósofo Romano Scipione Mercurii (1603) “se mostrava muito mais preocupado em advertir para os erros da alma e enfermidades do corpo provocados pela alegria, medo, amor, cólera vergonha, entre outros afetos desmedidos” (Silva, 2006, p. 70).

Henriques, apesar de escrever poucas palavras a respeito dessas paixões, faz boas considerações em relação aos cuidados com a saúde e como o excesso desses sentimentos poderiam levar as pessoas à morte. Entre paixões maléficas e boas, o médico sempre chamava atenção a respeito da conservação da saúde. Dessa forma, o português concordava com Alessandro Petronio quando afirmava que “as paixões do animo comovem muito os humores, alteram o sangue, e os espíritos, e chegam a mudar a constituição e temperamento do corpo, quando são excessivas, e continuadas. Entre todas, as principais são a tristeza, o medo, a ira e o gosto” (Henriques, 1731, p. 506).

Nas páginas seguintes, o médico discorre acerca dos males que causam o excesso desses sentimentos. Nota-se que as pessoas que passavam por isso poderiam ser corrompidas por “humores podres”, levando à debilidade do corpo (físico) e da alma. A tristeza, primeiro sintoma das paixões do animo, fazia:

[...] recolher ao interior do corpo o calor dele, o sangue, e os espíritos, de que resulta o impedisse a transpiração insensível pela periferia do corpo, de que nascem febres humores podres; e outros muitos danos; e continuando tristes, debilita o calor natural, refrigera, e desseca o corpo, faz pálida a cor do rosto, e finalmente vem a consumir, gastar os espíritos, e toda a valentia do corpo se vem a render à tirania da morte (Henriques, 1731, p. 506).

O médico enfatizava que o medo, quando grande, poderia debilitar uma pessoa, deixando seu corpo fraco e paralisado, resultando em órgãos mais frouxos. O

medo atinge todo o corpo humano, a começar pelo coração que sofre com a ausência do calor até alcançar as demais regiões. Henriques explicava que “ficando as partes externas e extremas álgidas, e pálidas, com tremores, e estridor dos dentes, a voz tremula e interrupta, as pernas e braços sem alento para movimentos, porque os espíritos se recolheram com o calor ao interior do corpo[..]” (Henriques, 1731, p. 528).

A ira, por sua vez, quando intensa, deixava o sangue e os espíritos agitados, fazendo com que a cólera se aguçasse, movendo-a e inflamando-a, deixando os indivíduos com “febres diárias, podres e ardentes, que muitas vezes chegam a ofender a razão”. O gosto, como escrevia Henriques, era a única paixão da alma que poderia conservar a saúde, desde que moderado. O gosto permitia que o calor natural, os espíritos e o sangue se difundissem por todo o corpo, ressaltando o vigor e a nutrição, resultando na boa cor da pele e na boa umectação. Sem moderação, o gosto que deveria fazer o bem dificultava os espíritos, causando uma síncope, principalmente “nos velhos e nas mulheres” (Henriques, 1731, p. 506-508).

Para Henriques, as paixões poderiam ser perniciosas aos seres humanos, desde que não tivessem moderação, adotando um discurso conciliador das más e boas paixões. Com relação às maléficas, pode-se ver que as características envolvendo a tristeza são semelhantes as descrições que Hipócrates discorre a respeito da melancolia, uma vez que o médico destaca sintomas como dessecação do corpo e a palidez da pele do rosto. Essa ideia do condicionamento corpóreo está ligada à alma, isto é, ao espírito, é uma forte tendência na época moderna, visto que as afecções da mente estavam ligadas aos achaques do corpo (Lindemann, 2002, p. 84), podendo ser observado nas descrições de Henriques quando o mesmo escreve a respeito dessas paixões.

A tristeza que Henriques destaca pode ser considerada um dos sintomas que levam à melancolia e, mais do que isso, à morte. Nesse contexto, é importante ressaltar que a morte decorrente da melancolia representa uma manifestação distinta da loucura. Assim, existem diferentes tipos e graus de loucura, e tanto a morte quanto o suicídio eram encarados pelos médicos como formas de loucura perigosa e criminosa (Lindemann, 2002, p. 33).

João Curvo Semedo, no tratado *Observações médicas doutriniais de cem casos gravíssimos* (1707), apresentou diversas histórias sobre casos de pessoas que faleceram em decorrência de tristezas, ira e vergonhas. Nas passagens, é notável que, em alguns relatos, o médico não destacou apenas o desequilíbrio do humor no indivíduo, mas também a presença de fatores externos que precedem essa tristeza mortal. Ele alerta que o excesso de sentimentos pode corromper os humores, resultando em mal-estar mental e, como consequência, na morte repentina ou no suicídio. Semedo afirmava que as paixões do ânimo, quando intensas, causavam “maiores estragos do que as mais perniciosas doenças, e tiram muitas vezes a vida com tanta brevidade como se fossem o veneno mais presentâneo” (Semedo, 1707,

p. 171). Sobre este tema, Smedo alertava aos seus leitores que:

Esta verdade confessa graves autores, e pelas experiencias de cada dia o observamos; pois vemos que de excessivo gosto, ou tristeza, de excessiva ira, temor, ou vergonha alguns homens; outros pelas mesmas causas se viram assaltados de dores mortais: & suposto a que esta verdade não necessitava de mais prova; com tudo como os exemplos, que entram pelos olhos, movem melhor os nossos ânimos, que as informações, que entram pelos ouvidos (Smedo, 1707, p. 171).

A passagem acima é bastante significativa, pois o médico afirmava, assim como Henriques em seu *Âncora Medicinal para Conservar a Vida com Saúde* (1731), que os sentimentos excessivos podem causar danos à saúde. Essa afirmação é respaldada tanto por autores dos cânones clássicos quanto modernos. Além disso, Smedo reforçou a importância de oferecer exemplos concretos sobre tais casos, destacando que, por se tratarem frequentemente de situações curiosas, é essencial apresentá-los aos leitores como prova de que essas paixões são perigosas e, portanto, precisam ser controladas.

Nos relatos apresentados, o médico primeiramente expõe o caso de um fidalgo bastante poderoso e soberbo, que desferiu “uma bofetada em um homem de menor esfera”. Incapaz de revidar, este último “sentiu o agravo com tal intensidade que, em três dias, perdeu a vida, sem que houvesse outra causa para sua morte além da tristeza e do sentimento.” Segundo Smedo, a vergonha e a humilhação causaram excesso de tristeza, debilitando o calor natural, o que ressecava e esfriava o corpo (Smedo, 1707, p. 171).

Em outro caso, Curvo Smedo relata a história de uma nobre matrona que, enquanto grávida, sonhou com o assassinato de seu marido. A “tristeza e agonia que esta dor sonhada lhe causou” foi tão grande que, “de improviso moveu uma criança” (Smedo, 1707, p. 171). Este não é o primeiro momento em que Smedo discorre sobre os sonhos e sua capacidade de causar malefícios quando não tratados adequadamente. Os sonhos ou a imaginação sobre algo irreal, ou uma opinião errônea, afirmava o médico, poderiam induzir à melancolia, deixando o indivíduo fraco, trêmulo e predisposto a delírios. No caso da jovem, embora ela não tenha perdido a vida, sofreu um aborto espontâneo.

Segundo relata Smedo (1707), por causa de um constrangimento público, um homem desenvolveu melancolia e sentimentos exacerbados após sofrer “uma repreensão áspera, mas bem recebida” de Dom João IV. De maneira tão súbita, o homem contraiu “uma tão grande e mortal febre, que dentro de cinco dias o matou” (p. 171). Nesse caso, a febre foi a causa imediata da morte, mas, segundo o médico, a febre teria sido provocada pelo ocorrido. Ele afirmava que, em situações como essa, febres e outras dores eram comuns, pois notícias impactantes causavam desequilíbrios nos humores corporais. Da mesma forma, aconteceu com Sebastião Mult, morador da Ermida do Corpo Santo, que, ao receber outra má notícia, inesperadamente desenvolveu icterícia e, em seis horas, foi acometido por uma

forte apoplexia que o levou à morte (p. 171). Situação semelhante ocorreu com o Padre Damião Vieira, que, tomado por uma ira “contra uma pessoa” e agravada por não conseguir “vingar-se”, “caiu repentinamente morto” (p. 171). A respeito do sentimento de ira, o autor advertia: “A ira move e acende o sangue, e a cólera de tal forte, que não cabendo dentro nos seus vasos, sufoca o coração, e os espíritos, e consequentemente mata” (p. 171).

Mais curioso do que os casos envolvendo a tristeza repentina é o relato de um suicídio. Segundo o médico, Manoel Gonçalves Chanquino havia perdido sua fazenda e, por esse motivo, “perdeu repentinamente o juízo e, no dia seguinte, se afogou em um profundo pêgo” (Semedo, 1707, p. 171). Todos os casos supracitados são encarados como degradações dos humores, que desestabilizam o sangue e o temperamento, provocando sentimentos prejudiciais à saúde, como a tristeza. No caso das repressões que causaram ira e perda de juízo, Semedo também destacou o mal-estar físico, como febre, cólera e sufocamento no coração, sintomas recorrentes em casos de tristeza profunda.

É importante salientar que, a princípio, o médico não tinha interesse em prescrever terapias para curar esses sintomas. Nos casos mencionados, Semedo tinha apenas o intuito de informar seus leitores sobre a gravidade das emoções em excesso, que poderiam afetar qualquer indivíduo que se descuidasse delas. Também se destaca, como já foi mencionado, a presença de um elemento externo que desencadeava esses sentimentos, influenciando a perda das faculdades mentais. Diferentemente de uma doença somática, as paixões não eram palpáveis, pois envolviam uma penetração na alma que, quando profunda, dificultava a prescrição de tratamentos eficazes. Essa constatação foi feita por Petrônio ao examinar seus pacientes, observando que, quando essas paixões se tornam um hábito, a eficácia dos remédios dependia de um trabalho conjunto entre médico e paciente (Silva, 2006, p. 68).

Entretanto, como foi constatado pelos médicos, esses desarranjos mentais também exerciam efeitos no corpo humano. Curvo Semedo voltou a abordar as paixões em sua obra *Atalaya* (1720), onde discorreu novamente sobre a tristeza, o medo, a ira e o prazer, explicando por que esses sentimentos causavam tantas mortes. Diferentemente das narrações que o médico fez em suas *Observações* citadas anteriormente, nesta segunda obra, o doutor apresenta uma análise mais detalhada dessas paixões e situa seus sintomas, como o fervor do sangue no coração, que leva ao desejo de vingança e ofensa, e a sufocação no espírito e no coração, resultando no recolhimento do calor natural (Semedo, 1720, p. 647). Além disso, o médico ressaltava que pessoas mais frágeis correm mais riscos de vida ao serem acometidas por algumas dessas paixões:

Temor é um medo de algum mal que está para vir, por cuja causa o sangue, os espíritos e o calor natural que nele se sujeita se recolhem ao coração, do qual recolhimento se segue resfriarem-se as extremidades, perde-se a cor do rosto, tremer o corpo, soltarem-se

as urinas e a câmara, embarçar-se a fala, prostarem-se as forças, e quando é demasiado ou em pessoas fracas e delicadas mata de repente (Semedo, 1720, p. 647).

Para o médico, nenhuma dessas paixões por si só teriam o poder de matar alguém, apenas aquelas que chegam de forma imoderada e repentina, ou quando atingem indivíduos cujas faculdades vitais são fracas e o movimento dos espíritos estejam desordenados e arrebatados (Semedo, 1707, p. 177). Afinal, a preocupação médica é na perda do calor natural que resulta na recolha do coração, mas esse sintoma pode ser remediado com outra paixão. O médico advertiu que a alegria, desde que moderada, pode fazer muito bem à saúde, porque o "gosto de uma complacência, e alegria de algum bem, que se logra, se é moderado é muito conveniente para a saúde; mas se é muito grande e repentino, mata muitas vezes [...]" (Semedo, 1720, p. 647).

Henriques reconhece que as paixões não podem ser evitadas, nem é possível prevenir-se dos sofrimentos. Para lidar com isso, o médico recomendava que, após o impulso dos sentimentos, os indivíduos "se divertissem com vários entretenimentos ou atividades que moderassem os sentimentos", como a leitura, a caça e a conversa com pessoas agradáveis. Para o médico, não havia nada mais aprazível ao espírito humano do que dialogar com aqueles de quem se gosta, pois isso promovia a moderação nas dores da vida e aliviava os fardos cotidianos (Henriques, 1731, p. 509).

Mesmo sem fazer referências diretas, ambos os autores estavam de acordo com as ideias de São Thomás de Aquino sobre a remedição dos sentimentos bons, tendo em vista que a paixão "é um movimento do apetite sensitivo" e "trata-se de um movimento natural necessário, que nasce do fato de que alma esteja engajada na matéria", ou seja, algo um tanto essencial para o equilíbrio da saúde corpórea e mental (Silva, 2006, p. 72). É importante salientar que, os médicos, não advogam por uma patologização dos sentimentos, mas ao equilíbrio das emoções para manter a saúde psicológica e do corpo.

Considerações Finais

Certamente, os médicos portugueses tinham conhecimento do que poderia levar um indivíduo ao estado de loucura, fazendo com que ele perdesse sua vida ou a qualidade dela. As paixões da alma, nesse caso, se apresentam não apenas como um fator de causalidade desse desequilíbrio, mas também como uma maneira de remediar esses sentimentos, devolvendo aos enfermos sua vida saudável. Essa ideia, adotada pelos médicos, é baseada nas considerações de São Tomás de Aquino, segundo as quais essas paixões eram inevitáveis, pois se tratava de sentimentos naturais dos seres humanos, e, assim, eles passavam a adotar um discurso moderador.

O discurso dos médicos, portanto, tem como objetivo alertar sobre essas

paixões e o que elas poderiam causar no corpo. Como foi possível perceber, além das dores físicas, decorrentes da perda do calor natural, a mente dos enfermos ficava altamente atingida e debilitada. Nota-se, então, que no século em questão, marcado pela ausência de áreas dedicadas ao estudo da mente humana, como psicologia, psiquiatria e psicanálise, os médicos — não só portugueses — se deparavam com sintomas relacionados às perturbações da mente e com situações como as descritas no texto, as quais faziam com que aqueles homens e mulheres entrassem em um estado de desequilíbrio mental.

É possível perceber, por meio dos tratados de João Curvo Semedo e Francisco da Fonseca Henriques, que os cuidados com a mente e o corpo eram elementos essenciais da medicina lusitana no período moderno. Ao explorar, portanto, o tema das paixões da alma nesses escritos, entra-se em contato não apenas com o pensamento médico da época, expresso nas ideias e autores utilizados por Semedo e Henriques, mas também com a dinâmica social lusitana. Isso permite ao leitor compreender as particularidades relacionadas à saúde e à doença dos indivíduos portugueses, especialmente no que diz respeito aos problemas mentais.

Referências

- Abreu, J. L. N. (2007). Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. *Revista da SBHC*, 5(2), 149-172.
- Almeida, A. V. de. (2012). *Aspectos históricos do uso terapêutico de produtos e excreções humanas*. EDUFRPE.
- Aquino, T. de. (2003). *Suma teológica* (Vol. 3, 2a ed., C.-J. P. de Oliveira et al., Trans.). Edições Loyola. (Trabalho original publicado em 1265 e 1273)
- Aristóteles. (2000). *Nicomachean ethics* (R. Crisp, Trad.). Cambridge University Press. (Trabalho original publicado em 335 a.C. e 323 a.C.)
- Barbosa, P. S. C. (2018, agosto). Introdução ao estudo da felicidade segundo Aristóteles. *Saberes*, 19(2), 60-68.
- Barroso, M. do S. (2004, novembro). João Curvo Semedo – Em busca da química da vida: Medicina na beira interior da pré-história ao século XXI. *Cadernos de Cultura*, (18).
- Cardoso, Z. de A. (1999). O tratamento das paixões nas tragédias de Sêneca. *Letras Clássicas*, (3), 129-145.
- Carvalho, A. de B. (2012, janeiro/abril). Razão e paixão: Necessidade e contingência na construção da vida ética. *Revista Conjectura*, 17(1), 199-217.
- Dias, J. P. S. (2007). *Droguistas, boticários e segredistas: Ciência e sociedade*

- na produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos*. Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Edler, F. C. (2006). *Boticas e pharmácia: Uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Casa da Palavra.
- Finnis, J. (1998). *Aquinas: Moral, political, and legal theory*. Oxford University Press.
- Freitas, R. C. de. (2021). Curas químicas para males galênicos: Plantas e minerais no tratamento de febres em João Curvo Semedo. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*. <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2020-0132>
- Henriques, F. da F. (1731). *Ancora medicinal para conservar a vida com saúde*.
- Lindemann, M. (2002). *Medicina e sociedade no início da Europa moderna: Novas abordagens da história europeia*. Replicação. (Trabalho original publicado em 1999)
- Lourenço, T. S. (2016). *O médico entre a tradição e a inovação: João Curvo Semedo* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal Fluminense.
- Martins, L. A. C. P., Silva, P. J. C., & Mutarelli, S. R. K. (2008). A teoria dos temperamentos: Do *corpus hippocraticum* ao século XIX. *Memorandum*, 14, 9-24. <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a14/martisilmuta01.pdf>
- Palmesi, L. (2014). *Saber e sabor [manuscrito]: Corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques* [Dissertação de Mestrado não publicada]. Universidade Federal de Minas Gerais.
- Santin, R. H. (2012, maio/agosto). As paixões da alma e a formação humana na perspectiva de Tomás de Aquino. *Revista Educação em Questão*, 43(29), 34-57.
- Semedo, J. C. (1707). *Observações médicas doutrinaes de cem casos gravíssimos, que em serviço da pátria, & das nações estranhas escreve em língua portuguesa, & latina*.
- Semedo, J. C. (1720). *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte; fortificada e guarnecida com tantos defensores, quanto são os remédios, que no decurso de cincoenta e oito anos experimentou [...]*. Officina Ferreyrenciana.
- Silva Filho, W. B. (2021, maio/agosto). A trajetória da ipecacuanha na Europa: Os usos de uma raiz colonial contra a disenteria na época moderna. *Diálogos*, 25(2), 21-23. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v25i2.60390>
- Silva, P. J. C. (2006a). O tratamento das paixões da alma nos primórdios da medi-

- cina moderna: O De victum romanorum de Alessandro. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 9(1), 64-75.
- Silva, P. J. C. (2006b). Saúde e conhecimento psicológico na França do século XVII. *Memorandum*, 10, 33-44. <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a10/silva03.pdf>
- Silva, P. J. C. (2008). O impossível regime das paixões da alma. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(1), 119-133.
- Silva, P. J. C. (2009). A subversão das paixões na primeira modernidade: Entre psicopatologia e sabedoria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(1), 209-217.
- Wissenbach, M. C. C. (2002). Gomes Ferreira e os símplies da terra: Experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-colônia. In L. G. Ferreira, *Erário mineral* (pp. 106-149). Fundação João Pinheiro; Fundação Oswaldo Cruz.

Nota sobre os(as) autores(as)

Carolina da Palma Fernandes é Possui graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas (2023) e atualmente é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História - UFAM. E-mail: ca.fernandes.hist22@gmail.com

Lutiero Cardoso Esswein é Pós-doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2023), sob a orientação do professor José Pinheiro Pertille. Possui Mestrado em Filosofia pela UFRGS (2019) e Bacharelado em Filosofia pela UFRGS (2017) E-mail: lutieroess@gmail.com

Data de submissão: 27/11/2024

Data de aceite: 09/04/2025